**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**

# PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

# CURSO DE PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

**VALDIR PIANEZZER**

**JOGOS ESPONTANEOS E BRINCADEIRAS CANTADAS – AUTOESTIMA**

**E ACEITAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR**

São Paulo

2012

**VALDIR PIANEZZER**

**JOGOS ESPONTANEOS E BRINCADEIRAS CANTADAS – AUTOESTIMA**

**E ACEITAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em **Psicopedagogia Institucional**, sob a orientação do Prof.º Ms. Zaghetti. E.A.

São Paulo

2012

PIANEZZER, VALDIR

JOGOS ESPONTÂNEOS E BRINCADEIRAS CANTADAS – AUTOESTIMA E ACEITAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR. 35 p.

Orientador: Prof. Ms Zaghetti.E.A.

Monografia – Faculdade de Ciências Humanas

1. Jogos espontâneos 2. Brincadeiras cantadas 3. Autoestima

4. Aceitação social 5. Contexto escolar

1. Orientador: Zaghetti. E. A.
2. Monografia de (Psicopedagogia Institucional)
3. Jogos Espontâneos e Brincadeiras Cantadas – Autoestima e Aceitação Social da Criança no Contexto Escolar.

========

"A cultura forma sábios; a educação, homens." (Louis Bonald)   
  
 “A cultura está acima da diferença da condição social." (Confúcio)   
  
 “A cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem.” (José Ortega y Gasset)   
  
 “A cultura é uma muleta com que o coxo bate no são para mostrar que também a ele não faltam às forças.” (Karl Kraus)   
  
 “A cultura é um movimento coletivo que só pode acontecer com o apoio do governo." Norma Bengell )   
  
"A cultura é o que subsiste quando se esquece tudo o que tinha aprendido." Selma Angulof )   
  
"A cultura é o melhor conforto para a velhice." Aristóteles )   
  
"A cultura é aquilo que permanece no homem quando ele já esqueceu tudo o resto." Émile Henriot )   
  
=========

**=========**

"Aprendemos a voar como pássaros

e a nadar como peixes,

mas não aprendemos

a conviver como irmãos."

(M. Luther King

**=========**

**DEDICATÓRIAS**

Dedico este trabalho primeiramente, ao Edson Batista dos Santos, por toda paciência, compreensão, carinho, e por me ajudar muitas vezes a achar soluções quando elas pareciam não aparecer. Você foi à pessoa que compartilhou comigo os momentos de tristezas e alegrias. Além deste trabalho, dedico toda minha admiração a você e a Neyde Garcia (amiga e verdadeira irmã), pois sempre estiveram do meu lado, apoiando e aconselhando a concretizar e encerrar mais uma caminhada da minha vida. Sei que não mediram esforços pra que este sonho se realizasse, sem a compreensão, ajuda e confiança de vocês nada disso seria possível hoje. Aos dois, além da dedicatória desta conquista, dedico a minha vida.

Aos meus pais Domingos Pianezzer (in memoriam) e Filomena Pianezzer (in memoriam), que infelizmente não podem estar presente neste momento tão feliz da minha vida, mas que não poderia deixar de dedicar a eles, pois se hoje estou aqui, devo muitas coisas a eles e por seus ensinamentos e valores passados. Obrigada por tudo! Saudades eternas!

Não poderia deixar de dedicar também este trabalho ao Fábio Ferro, Coordenador de Pós-graduação e em especial, a Viviana Maria da Costa, Rita de Cassia Almeida Cerqueira e Sirley Jeane Araujo Viana Nunes, amigas fundamentais em minha vida, sempre me escutando e me apoiando. A vocês meus amigos, dedico este trabalho e todo meu carinho.

A estes dedico meu trabalho, sem a ajuda, confiança e compreensão de todos, este sonho não teria se realizado.

Vocês são tudo pra mim! Muito Obrigada por tudo!

**RESUMO**

Este trabalho apresenta como objetivo central delinear acerca dos Jogos Espontâneos e Brincadeiras Cantadas, Autoestima e Aceitação Social da Criança no Contexto Escolar. Diante do mundo globalizado, que apresenta múltiplos desafios para o homem, a educação surge como um caminho necessário e indispensável à humanidade para a construção da paz, da liberdade e da justiça social, uma vez que não nos constituímos apenas de partes; biologicamente somos parte de um todo. O presente trabalho caracteriza-se por um Estudo Exploratório, de cunho qualitativo, estruturado a partir de um quadro teórico conceitual envolvendo aspectos relativos ao lúdico nas séries iniciais da educação infantil. Assim pretende analisar a ferramenta jogo como possibilitadora do aprendizado, uma vez que a mesma possibilita a interconexão com o mundo cotidiano e cientifico. Havemos de ter claro que ao aluno há de ser possibilitado o aprender a aprender na prática, a partir do contexto no qual se situa. O lúdico possibilita a aproximação com o colega, possibilita a mediação, ferramenta importante para o processo de ensino-aprendizagem. A atitude lúdica de um com o outro é um viés claro de aprendizagem para alem de promover a autoestima e a afetividade.

Palavras-chave: Jogos Espontâneos, Brincadeiras Cantadas, Autoestima.

**ABSTRACT**

This work presents as central objective outline about the Spontaneous Games and Pranks Sung, Self-esteem and Social acceptance of the child in the school context. In the face of a globalized world, which presents many challenges for the man, education emerges as a necessary and indispensable to humanity for peace, freedom and social justice, since there are only us parts; biologically we are part of a whole. The present study is characterised by an exploratory study, qualitative, structured from a conceptual theoretical framework involving playful aspects in the initial series of early childhood education. You want to analyze the game as enabler of learning, since it allows the interconnection with the everyday world and scientific. We have of course the student will be allowed the learning to learn in practice, from the context in which it is situated. The playful allows the approximation with the colleague, provides mediation, an important tool for the teaching-learning process. The playful attitude of one with the other is a clear bias to learning to promote esteem and affection.

**Keywords:** Spontaneous Games, Plays Sung, Self-esteem

**SUMARIO**

[INTRODUÇÃO 10](#_Toc339626732)

[DESENVOLVIMENTO 12](#_Toc339626733)

[1.0 - Jogos espontâneos 12](#_Toc339626734)

[1.1 - Brincadeiras cantadas 17](#_Toc339626735)

[1.2 - Autoestima 21](#_Toc339626736)

[1.3 – Aceitação Social 25](#_Toc339626737)

[1.4 – O Contexto Escolar 27](#_Toc339626738)

[CONCLUSAO 30](#_Toc339626739)

[REFERENCIA BIBLIOGRAFICA 31](#_Toc339626740)

# INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta como eixo central delinear acerca dos Jogos Espontâneos, das Brincadeiras Cantadas, Autoestima e Aceitação Social da Criança no Contexto Escolar e por assim o ser opto por uma revisão bibliográfica como caminho metodológico.

Utilizarei uma abordagem referenciada na corrente filosófica do materialismo histórico, pois segundo Gil (2007, p.40) “o materialismo histórico, a produção e intercâmbio de seus produtos constituem a base de toda ordem social”.

Para este pesquisador, “as causas últimas de todas as modificações sociais e das subversões políticas devem ser procuradas não na cabeça dos homens, mas na transformação dos modos de produção e de seus intercâmbios”.

Esta pesquisa se classifica como exploratória de cunho qualitativa que segundo Minayo (1994, p.21) “responde a questões muito particulares”.

Marconi e Lakatos (2001, p.43-44) afirmam que a pesquisa bibliográfica, “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita {documentos eletrônicos}”.

Os autores enfatizam que “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”.

Já na concepção de Silva & Menezes (2001, p.21) “a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet”.

Segundo Marconi & Lakatos (1996, p. 66), pesquisa bibliográfica “abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao termo de estudo”.

Nesse ponto, há a necessidade de uma Revisão da literatura para saber claramente quem já pesquisou algo semelhante, busca de trabalhos semelhantes ou idênticos e pesquisas e publicações na área.

O ambiente escolar é um espaço no qual cabem formas diferentes de compreender o mundo, um local no qual conhecer é aprender a vida em seus infinitos aspectos.

O aprender há de ser uma construção significativa para a criança e por assim o ser, como a infância se caracteriza, a priori pelo ato de brincar e a principio ser por meio deste ato que a criança constrói sua aprendizagem acerca do mundo em que vive possivelmente integrar o jogo, a brincadeira, a ludicidade no lócus escolar pode vir a propiciar a esta criança uma construção de conhecimento mais solida, mais significativa.

Nesse sentido, possivelmente seja justificável uma regia reflexão sobre a importância da atividade lúdica como elemento imprescindível no desenvolvimento infantil.

# DESENVOLVIMENTO

## 1.0 - Jogos espontâneos

A infância se caracteriza, a priori pelo ato de brincar. Através deste ato de brincar é que a criança constrói sua aprendizagem acerca do mundo em que vive. Os jogos se constituem em uma fração, uma pequena parte desta atividade de brincar da criança.

Nesse sentido, desde Platão (apud GAGNEBIN, 1997, p.85) se via na infância:

“um período de ausência de racionalidade e considerava a criança de todos os animais o mais intratável, na medida em que seu pensamento, ao mesmo tempo cheio de potencialidades e sem nenhuma orientação reta ainda, o tornava o mais ardiloso, o mais hábil e o mais atrevido de todos os bichos”.

Assim sendo, precisamos compreender a importância da atividade lúdica como elemento imprescindível no desenvolvimento infantil.

As crianças, desde os tempos mais remotos, brincavam principalmente com os recursos que a natureza lhe oferecia: areia, água, pedras, pau, etc.

Nessa direção, é importante explicitar a origem dos brinquedos, das brincadeiras e dos jogos, considerando a sua importância para o desenvolvimento das crianças nos diversos contextos sócio-histórico-educacional.

Todos os estudos desenvolvidos acerca da infância reconhecem o que é específico desta fase: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação e a brincadeira entendida como experiência de cultura.

No que tange ao processo de se relacionar, o brincar é um processo que facilita o crescimento e induz justamente ao relacionamento grupal e pode vir a se constituir como uma forma de expressão.

Na concepção de Almeida (1990) o brincar é entendido enquanto atividade inerente ao ser humano.

Nós educadores devemos percebê-lo não apenas enquanto prática utilitarista, pois o jogo pelo jogo também pode promover produções de conhecimento.

Assim, no entendimento de Albuquerque (1954, p.33-34) “o jogo didático serve para fixação ou treino da aprendizagem. é uma variedade de exercício que apresenta motivação em si mesma, pelo seu objetivo lúdico”.

Ao fim do jogo, a criança deve ter habilitado algumas noções, tendo melhorado sua aprendizagem.

Ainda segundo Albuquerque (1954, p.33-34), “através do jogo ele deve desenvolver honestidade, companheirismo, atitude de simpatia ao vencedor ou ao vencido, respeito às regras estabelecidas, disciplina consciente, acato às decisões do juiz”.

Assim, evidencia-se que os jogos, pela sua estrutura, representam situações em que a criança tem de enfrentar limites e não somente o limite das regras a serem respeitadas, mas também seus próprios limites que devem ser superados para que a criança possa ter êxito.

Permitem ainda que a criança crie ou modifique as regras, de comum acordo com seus parceiros, propiciando o desenvolvimento de sua autonomia moral e neste aspecto coaduno com Winnicott (1990, p.94) quando afirma que “o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde”.

Almeida (1990, p.11), também enfoca que “ninguém é mais livre neste mundo do que aquele que consegue viver a alegria na liberdade, a liberdade na alegria e a alegria no viver”.

A prática do jogo nos proporciona essa alegria, alegria que também é saber, saber viver e saber ser.

Para Brancher (2008, p.8), ”a criança se desenvolve pelas experiências, pela interação que ocorre criança - criança, criança-adulto, criança-mundo”.

E é exatamente a partir desse olhar que acontece a percepção de que a brincadeira e os jogos propiciam a inserção, a apropriação e experimentação sociocultural.

Lembremos que no séc. XVIII, Rousseau (1727 - 1778), ao considerar a Educação como um processo natural do desenvolvimento da criança, ao valorizar o jogo, o trabalho manual, a experiência direta das coisas, seria o percussor de uma nova concepção de escola.

Dewey (1952), pensador norte-americano, afirma que o jogo faz o ambiente natural da criança, ao passo que as referências abstratas e remotas não correspondem ao interesse da criança. Em suas palavras: somente no ambiente natural da criança é que ela poderá ter um desenvolvimentoseguro.

As crianças, adolescentes e adultos alteram suas relações intersubjetivas a partir das influências que a mídia e a cultura do consumo exercem sobre todos nós.

No brincar, a criança constrói e recria um mundo onde seu espaço esteja garantido. As pressões sofridas no cotidiano de uma criança são compensadas por sua capacidade de imaginar; assim, fantasias de super-heróis, por exemplo, são construídas.

Aberastury (1972) complementa enfatizando que a brincadeira infantil é um meio de pôr para fora os medos, as angústias e os problemas que a criança enfrentou. Por meio do brinquedo, ela revive de maneira ativa tudo o que sofreu de maneira passiva, modificando um final que lhe foi penoso, consentindo relações que seriam proibidas na vida real.

Para Piaget (1998, p.239) “o jogo constitui-se em expressão e condição para o desenvolvimento infantil, já que as crianças quando jogam assimilam e podem transformar a realidade”.

Nesse sentido, Melo e Valle (2005, p. 45) asseguram que:

“brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair”.

No entanto, como assevera Monteiro (1994, p.72) “toda a capacidade de criatividade e espontaneidade, apresentada nos jogos de ‘faz de conta’ das crianças está tolhida no adulto”.

Segundo o autor, “em seu lugar encontramos, muitas vezes, respostas prontas, estereotipadas, atitudes cristalizadas em relação a determinadas situações novas ou situações já conhecidas para o indivíduo”.

Assim sendo, na concepção de Almeida (1990) o brincar é entendido enquanto atividade inerente ao ser humano.

Já seguindo as considerações de Albuquerque (1954, p.33-34) “o jogo didático serve para fixação ou treino da aprendizagem”.

Segundo o autor, “é uma variedade de exercício que apresenta motivação em si mesma, pelo seu objetivo lúdico. Ao fim do jogo, a criança deve ter treinado algumas noções, tendo melhorado sua aprendizagem”.

Ainda segundo a autora, “através do jogo ele deve treinar honestidade, companheirismo, atitude de simpatia ao vencedor ou ao vencido, respeito às regras estabelecidas, disciplina consciente, acato às decisões do juiz”.

A criança é essencialmente lúdica, utiliza o brincar como um aprendizado sociocultural. O brincar é um indicativo revelador de culturas, sua análise permitirá ou não que os traços culturais da sociedade em questão sejam evidenciados.

Melo e Valle (2005) explicam que as crianças utilizam o brinquedo para externar suas emoções, construindo um mundo a seu modo e, dessa forma, questionam o universo dos adultos. Elas já nascem em um meio pautado por regras sociais e o seu eu deve adaptar-se a essas normas. Na brincadeira, ocorre o processo contrário: são as normas que se encaixam em seu mundo.

Os autores acrescem que este processo não se configura como uma tentativa de fuga da realidade, mas, sim, uma busca por conhecê-la cada vez mais.

No brincar, a criança constrói e recria um mundo onde seu espaço esteja garantido. As pressões sofridas no cotidiano de uma criança são compensadas por sua capacidade de imaginar; assim, fantasias de super-heróis, por exemplo, são construídas.

Aberastury (1972) complementa enfatizando que a brincadeira infantil é um meio de pôr para fora os medos, as angústias e os problemas que a criança enfrentou. Por meio do brinquedo, ela revive de maneira ativa tudo o que sofreu de maneira passiva, modificando um final que lhe foi penoso, consentindo relações que seriam proibidas na vida real.

Nesse sentido, Melo e Valle (2005, p. 45) asseguram que:

“brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair”.

Na concepção de Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p.177), “o brincar prepara para futuras atividades de trabalho: evoca atenção e concentração, estimula a autoestima e ajuda a desenvolver relações de confiança consigo e com os outros”.

Portanto, a música surge como uma ferramenta psicológica cognitiva social que em ambiente de sala de aula passará a mediar o papel de interação professor e aluno, aluno e professor e aluno e aluno durante a partilha do conhecimento além de adentrar no campo emocional relaxando o corpo, a mente e a alma.

## 

## 1.1 - Brincadeiras cantadas

O objetivo da interação na sala de aula desloca-se para a construção conjunta do conhecimento em um processo de negociação que, segundo Magalhães (1996), é social e culturalmente localizado.

A música, na verdade, como bem preceitua Fernandes (2009, s.n.) constitui-se como “uma das mais antigas e valiosas formas de expressão da humanidade e está sempre presente na vida das pessoas. Antes de Cristo, na Índia, China, Egito e Grécia já existiam uma rica tradição musical”.

O autor infere que “na Antiguidade, filósofos gregos consideravam a música como uma dádiva divina para o homem”.

Gonçalves et all (2009, p.06) preconiza que “a criança entra em contato com os sons antes mesmo de seu nascimento, desde o momento da concepção ela já é exposta aos sons intrauterinos”.

Para este autor, “a voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para ela, daí a certeza de que a música está presente desde antes do nascimento até a hora da morte do ser humano”.

Educar é uma transformação na convivência de acordo com o viver, portanto, a música, uma das mais antigas formas de arte surge neste contexto como uma ferramenta mediadora e ao mesmo tempo facilitadora no processo ensino-aprendizagem.

Para Cury (2003, p.119-121), a música objetiva “a educação da emoção, da autoestima, o desenvolvimento da solidariedade, da tolerância, da segurança”.

O autor ainda destaca que a música finda por “desacelerar o pensamento, alivia a ansiedade, melhora a concentração, desenvolve o prazer de aprender e educa a emoção”.

Quando não há emoção a troca de informações gera dispersão nos alunos ao invés do prazer e da concentração. Assim, uma música suave impulsiona o aprendizado contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção e da imaginação, assim como a reflexão artística e a construção do espírito crítico e a ampliação do universo cultural do aluno.

No ambiente escolar, o trabalho com a música se apresenta como uma ponte no fortalecimento das raízes culturais, uma vez que o trabalho com ritmos que remontam nossas origens étnicas e trás grande contribuição para o fortalecimento de nossa identidade.

Sobre este assunto, Faustini (1996) registra que o trabalho desenvolvido com a música propõe a necessidade de buscas intelectuais evocando raízes seculares.

E no que tange a raízes seculares, Lopes e Ayres da Silva (2010, p.19):

“tanto as Brincadeiras Cantadas quanto às canções de ninar, danças, músicas e lendas indígenas, mostram a dificuldade em saber a origem de determinada brincadeira, jogo ou dança, pelo fato das diferentes culturas que vão ocorrendo frente o processo de construção cultural”.

Segundo as autoras:

“mesmo não havendo uma precisão acerca da origem das Brincadeiras Cantadas é possível visualizá-la a partir das mesclas culturais entre branco, negro e índio que levaram à criação de formas de representação corporal, transmitidas e (re) significadas ao decorrer do tempo”.

De acordo com Noda (s.d., apud Abreu, 2011, p.19) “grande parte das Brincadeiras Cantadas são resquícios de antigas cerimônias que passaram a jogos de adultos e que, mais tarde, se tornaram divertimentos de crianças”.

Nem sempre na vida encontraremos sentido e significado para o todo existencial e em assim o sendo no que tange as Brincadeiras Cantadas faz-se mister segundo Abreu (2011, p.19) lembrar que “ao longo da História, esse mero ‘passatempo’ – assim visto pela maioria dos adultos na atualidade - transmitiu histórias, lendas, cultura, e fortaleceu um vínculo afetivo de muitas gerações”.

Não podendo esquecer-se que ainda de acordo com esta autora, “as músicas e as danças também mantêm vivas a história e a cultura de um determinado país ou região”.

“São uma das principais ligações entre avós e netos, entre uma cultura e outra, incluindo um conjunto de movimentos corporais e canções anônimas, decorrentes da experiência de vida de qualquer cultura, elas fundem musicalidade, dança, dramatização e mímica” (ABREU, 2011, p.19).

A Roda se destaca como uma das brincadeiras que mais envolvem as crianças e no que tange aos aspectos sociais, Tusler (1991) assegura que  por meio da música a criança se autodisciplina sentir-se aceita pode expressar-se, sentir-se aceita, comunicar-se mais profundamente com seus colegas.

A música expressa e comunica percepções, sentimentos, idéias e pensamentos de um indivíduo, uma época, uma cultura. Epistemologicamente, têm-se como central que sendo um ser histórico língua e cultura são fundamentais.

A dimensão lúdica, na concepção de Colombo e Oliveira (s/d, p.4230) “é intrínseca ao ser humano e que são nossos sonhos e fantasias que movem o mundo”.

Dessa forma, as autoras ainda atentam que “brincar as brincadeiras cantadas, jogar com elas permite além da função pedagógica, despertar sentidos diferentes, além de relações interpessoais de amizade”.

Nesse sentido, para Benjamim (1984, p.74-75), “a essência do brincar não é um fazer como se, mas um fazer sempre novo" e por assim o ser, o brincar é um ato que conduz a aprendizagem e parte proeminente da cultura mundial.

Colombo e Oliveira (s/d, p.4231) inferem que:

“quando vivenciadas pelas crianças, as brincadeiras cantadas proporcionam experiências de grande importância tanto social, quanto pedagógica, pois trabalham a expressão corporal e comunicativa, bem como a socialização e o intelecto, sendo um caminho rico e lúdico, no qual, o professor pode se apropriar, por meio de músicas, frases, palavras ou sílabas ritmadas, integradas à cultura popular”.

A contribuição das brincadeiras cantadas no universo infantil ocorrem em acordo a Lara et al (2005, p.01) “quando o professor leva em consideração a criança em suas condições sociais, capacidades de movimento, autonomia e produção cultural”.

Para além de ampliar as capacidades de expressão corporal e vocal, cooperam “para a compreensão da multiplicidade cultural do universo lúdico infantil, bem como para a valorização do brincar no processo educativo [...]” (LARA ET AL, 2005, p.02).

Brito (1998, p.49) teoriza que:

“as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvam um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonoro musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculo fortes tanto com os adultos quanto com a música”.

Para Gonçalves (2009), estes fatos levam a pensar sobre a necessidade de trabalhar a música desde os primeiros dias de vida, principalmente na educação, levando em conta que a educação se dá não somente no âmbito escolar, mas em todos os ambientes em que a criança está inserida.

Mais especificamente, a importância da música no processo ensino-aprendizagem é possível de ser percebida quando a integração da emoção e da razão promovida por esta prática é uma contribuição inestimável para o desenvolvimento do autoconhecimento e do conhecimento do meio.

## 

## 1.2 - Autoestima

Autoestima é um estado de espírito. É a maneira que você pensa e sente sobre si mesmo. Ter alta autoestima significa ter sentimentos de confiança, dignidade e consideração positiva para si mesmo.

Pessoas com alta autoestima se sente bem sobre si mesma. Uma sensação de pertença e segurança.

Respeitam-se e apreciam os outros. Tendem a ser bem sucedido na vida, porque eles se sentem confiantes em assumir desafios e correr o risco de não conseguir o que querem.

Eles têm mais energia para atividades positivas porque sua energia não é desperdiçada em emoções negativas, sentimentos de inferioridade ou agradar os outros em detrimento de seu próprio auto-cuidado.

Por assim o ser, conforme esclarece Souza (2002, p.12) discorrer acerca de “afetividade e autoestima é acreditar em uma educação com relevância social e, logo, em uma escola construída a partir de respeito, compreensão e autonomia de idéias”.

Assim, afirma a autor que “uma vez que se pretende formar cidadãos honestos responsáveis, a formação da autoestima é fundamental para qualquer indivíduo”.

Para Tiba (1999, p.157) a autoestima “é o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma. Aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento”.

Por assim o ser, a escola, na concepção de Souza (2002, p.18) “enquanto segmento de grupo social que constrói diferentes relações”, haverá de promover condições mais eficazes de aprendizagem “selecionando atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da autoestima do aluno”. (SOUZA, 2002, p.18).

Portanto, faz-se mister ter claro segundo conceituam Dell’Agli e Brenelli (2006, p.32) que, seja qual for a ação esta necessitara de “instrumentos fornecidos pela inteligência para alcançar um objetivo, uma meta, mas é necessário o desejo, ou seja, algo que mobiliza o sujeito em direção a este objetivo e isso corresponde à afetividade”.

Para Capra (2002, p.103) ”a compreensão sistêmica da vida, da afetividade e do conhecimento decorrente, pode ser aplicada ao domínio social, acrescentando o ponto de vista do significado aos outros três pontos de vista”.

Ainda segundo o autor “significado é expressão sintética do mundo interior da consciência reflexiva, possui uma multiplicidade de características inter-relacionadas”.

Já Freire (1975) salienta que ao não perceber a realidade como totalidade na qual se encontram as partes em interação, se perde o homem na visão focalista da mesma.

Conforme afiançam Davis e Oliveira (1994, p.84):

“na escola a condição básica e necessária para a aprendizagem é a integridade moral e o estabelecimento da interação professor x aluno, onde fatores afetivos e cognitivos exerçam influências decisivas na busca de realizações e de desejos, onde construir-se-ão imagens do centro, confirmando-lhes determinadas características, intenções e significados”.

Cada vez mais se torna necessário a compreensão do lugar da criança na educação infantil. E é por meio da brincadeira que as atividades devem ser desenvolvidas, de modo a chamar a atenção da criança.

O emocional é a base para o desenvolvimento psicomotor, intelectivo, igualitário e o cultural. Porém o emocional que a criança adquire segurança, ou medo ligado à segurança está o prazer, o sentir-se bem, o ser capaz de assumir riscos e enfrentar desafios da autonomia, levando a outras consequências, através do educador por meio de uma linguagem enriquecida.

Segundo Saviani (1997, p.78) “a linguagem é peça fundamental, é através dela que se constrói o pensamento e a capacidade de entender suas próprias experiências”.

Uma ocasião ou espaço garantido para a criança brincar é imprescindível. O brincar é colacionável ao direito de brincar e o direito de ter infância vivida.

“A criança abre o brinquedo para se apoderar dele. Alem disso aparente, que constitui relação íntima, extremosa e de aproximação com o mesmo. Para Benjamim, este é o lado épico da brincadeira, a ressignificação das partes”. (LAPIERRE, 2002, p. 52).

A brincadeira é distinguida de tal maneira que está implantada no próprio procedimento da atividade. Consequentemente, podemos desempenhar qualquer atividade onde acontece o desenvolvimento da criança por meio da brincadeira.

Ela não é instintiva e sim humana, e constituída a partir da base da percepção que a criança tem. Essa capacidade de percepção determina o conteúdo de suas brincadeiras.

Silva (2008, p.9) infere que “a brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as superar progressivamente suas aquisições de forma criativa”.

Afinal, como acentua a autora, “brincar contribui para a interiorização de determinados modelos de adulto no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil”.

Nesse sentido, Melo e Valle (2005, p.45) asseguram que:

“brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair”.

O brincar, na concepção de Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p.177), “prepara para futuras atividades de trabalho: evoca atenção e concentração, estimula a autoestima e ajuda a desenvolver relações de confiança consigo e com os outros”.

“Colabora para que a criança trabalhe sua relação com o mundo, dividindo espaços e experiências com outras pessoas”. (ROLIM, GUERRA e TASSIGNY, 2008, p.177).

No que tange ao aspecto psíquico, Bettelheim (1984, p.105) afirma que “nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo. Sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades”.

Para o autor, “o que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos”.

Por meio das descobertas e da criatividade, a criança analisa, critica, e transforma a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino quer na qualificação ou formação critica do educando.

O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos.

A formação da consciência depende da educação. Não basta a educação preocupar-se em preparar os jovens para o trabalho. A educação precisa preocupar-se com o desenvolvimento completo do ser humano.

## 1.3 – Aceitação Social

Partindo do pressuposto de que o outro nos constitui, é possível afirmar que ninguém é uma ilha e, nesse sentido, a civilização nos obriga a nos relacionar uns com os outros.

Afinal, como preceitua Vygotsky (1934/2000), o homem é um ser histórico que se constrói na interação com o outro, com o meio e consigo mesmo em um processo dialético, através das relações sócio-históricas e culturais vivenciadas ao longo da vida, fundamentais para a construção de seu conhecimento.

No entanto, este mesmo ser que se constrói na interação com o outro não aprende na sua maioria a aceitar as diversidades, aceitar o outro como ele é com suas diferenças e semelhanças.

. Entretanto, percebe-se que ainda existe resistência à inclusão em todas as esferas da sociedade, inclusive no ambiente escolar, o que é contraditório a legislação atual.

Faz-se necessário que a sociedade em geral reflita sobre o papel do ser humano como pessoa e não como algo sem conteúdo

Sob esse enfoque, Santana (2006) defende que se gera no momento interacional, uma possibilidade, através dos trabalhos em grupo, de se compartilhar, somar experiências, saberes, idéias.

A sociedade e seu modelo atual prima pelo consumismo, pela ditadura da beleza, por princípios que costumeiramente exclui o outro. A sociedade como um todo e a educação ainda não conseguiram ensinar atitudes de aceitação ao próximo.

Quando falamos em educação devemos elevar o conceito para não apenas nos atermos à visão da aquisição fortuita de conhecimentos, mas nos direcionarmos para mais além: a educação que se reflete na ação efetiva em direção à boa ética e à boa moral, aspectos que propiciam transformações admiráveis no ser humano.

Conforme salienta Cury (2010, p.173) “quem investe apenas nos jovens que lhe dão retorno não é digno de ser chamado de educador”.

O desenho de um educador na concepção deste autor é o daquele que “abraça os alienados, atrai os que os decepcionam, cativa os rebeldes, aposta nos que erram frequentemente, da o melhor de si para aqueles em quem ninguém acredita”.

E temos de estar preparados também, segundo Cury (2010, p.173), pois “perdas sempre nos acompanharão; o que nos diferencia dos animais é o que fazemos com elas”.

A educação começa no lar, amparada por pais responsáveis e amorosos, que se interessam pelo pensar e pelo sentir de seus filhos. Havemos de ter clareza que a educação se complementa na escola por meio do direcionamento intelectual e pela aquisição de conhecimentos necessários ao encaminhamento social, que possibilitarão ao educando uma vivência mais lúcida, pois toda evolução intelectual abre as portas ao desenvolvimento ético e moral, e um sujeito bem preparado, colabora com o meio social no qual atuará.

A família é o ponto central na definição de papéis identitarios de cada cidadão planetário e há necessidades que jamais serão supridas dentro de um ambiente escolar. Os pais não devem fugir desta realidade. Os filhos necessitam da segurança, de amor, de aceitação e de valorização dos pais.

A escola de agora precisa se desvencilhar de antigas amarras e entender que com o avanço da tecnologia a criança, um ser em potencial, se conecta com múltiplas atividades simultaneamente.

## 1.4 – O Contexto Escolar

A Constituição vem a ser a lei fundamental e suprema de um Estado, documento no qual se encontra a organização e a vida política de um País.

Partindo do pressuposto de que o outro nos constitui, é possível afirmar que ninguém é uma ilha e, nesse sentido, a civilização nos obriga a nos relacionar uns com os outros.

Maturana & Rezepka (2000, p.11-12) pontuam que “a tarefa de formação humana é o fundamento de todo o processo educativo, já que só se esta se completar é que a criança poderá viver como um ser socialmente responsável e livre”.

Em assim o sendo, os autores afirmam que serão capazes:

“de refletir sobre sua atividade e seu refletir, capaz de ver e corrigir erros, de cooperar e de possuir um comportamento ético, que não desaparece em suas relações com os outros porque não dependerá da opinião dos outros não buscando sua identidade nas coisas fora de si”.

É da formação inicial que dependerá todo o restante do processo. Utopias precisam incandescer cada gesto, cada ato inovador se realiza um pouco alimentando nossos sonhos de uma nova sociedade com seres capazes e conscientes das necessidades de construção de seus caminhos.

Uma construção constante na partilha real do saber. Da capacidade do ser reagir, de ser capaz de atuar junto a outros seres aprendendo e ensinando é que torna possível o milagre da educação e permite a socialização no entrelaçar entre ser e sociedade.

De acordo com Severino (apud Lorieri, 2002), o ensino é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige posturas éticas e políticas.

Assim, reitera que ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares.

Nesse sentido, a escola surge como espaço de compartilhamento do saber, de transmissão e manutenção da memória social.

Para tanto, de acordo com Kenski (2004, p.97),

“as memórias de um grupo social - incorporadas nas linguagens, histórias, lendas, canções, relações interpessoais, brincadeiras e rituais, nos hábitos e nos mitos - estão presentes nas escolas de todos os tempos, através das ações e interações espontâneas entre professores, alunos e demais pessoas que por ali circulam. Ser agente da memória educativa é talvez o principal papel do professor em todos os tempos e o domínio do conhecimento pelo professor em sua área de atuação é um dos pontos básicos de sua ação profissional”.

Educar, para Kenski (2004, p.97), “é fazer conhecido o desconhecido, agente das inovações por excelência o professor aproxima o aprendiz das novidades, descobertas, informações e noticias orientada para a efetivação da aprendizagem”.

Entretanto, para que essa experiência de transformação floresça, torna-se pertinente que a escola favoreça ao aluno, de acordo com o relatório da UNESCO a possibilidade de:

⯌*Aprender a conhecer*: significa combinar a cultura geral com as possibilidades do aumento dos saberes num continuo exercício do aprender a aprender para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

⯌*Aprender a fa*zer: a fim de poder agir, não somente sobre uma qualificação profissional, mas sim ampliando suas competências no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho.

⯌*Aprender a viver* juntos: participando e cooperando na compreensão do outro e na percepção das interdependências, realizando projetos e preparando-se para gerir conflitos e no respeito pelos valores humanos, da compreensão mútua e da paz.

 ⯌*Aprender a ser*: contribuir para o desenvolvimento mental, corporal e espiritual a fim de atingir uma realização completa com cada vez maior capacidade de autonomia de cada interesse (DELORS et alli, 1999:101-102).

O atual contexto sócio-histórico cultural enfatiza severamente a necessidade de se ter claro que o conteúdo educacional tem de ser para emancipar, tornar o outro humano livre.

Uma liberdade construída na interação professor-aluno e que venha a propiciar a ambos jamais perder a capacidade de criticar transforma-se em um mero servo da teoria ao invés de um servo da humanidade

# CONCLUSÃO

A escola pode ser considerada como a única entidade que abre suas portas a um universo de crianças, jovens adolescentes, cada um trazendo consigo suas peculiares, seus hábitos contextuais, sua relação familiar.

Obvio que dentro de uma perspectiva como esta, será na escola que eclodirão todas as diferenças sociais trazendo consigo miríades de problemas como a violência e os mais diversos sintomas de dificuldade de aprendizagem.

Em decorrência de uma ausência de valores morais, éticos e de uma acentuada crise familiar, a escola emerge como o centro canalizador de tamanha problemática.

O ato de educar para a vida requer um olhar que se projete para o futuro e ter a compreensão de que o importante não é só aprender o que está nos livros, mas o compreender o que está no mundo.

O aluno hoje talvez tenha a necessidade de participar de sua história, entrar no jogo, ser o ator principal do seu processo de esnino-aprendizagem e o desafio é proporcionar um aprendizado real para o aluno.

No dia-a-dia da sala de aula, deve haver espaço para a criação, a descoberta, a renovação e para a reciclagem de idéias, posturas, conceitos e informações diversas. O professor pode atingir estes objetivos, desenvolvendo a confiança no seu aluno, implementando a educação do exemplo, da vivência, do repartir, em uma ação conjunta na qual ele esteja disposto a aprender com o seu aluno.

Um compartilhar construído a partir do conviver juntos na partilha, no respeito, na solidariedade, na tolerância e na ética, a partir da nova prática metodológica que implementei. Que ao aluno seja oportunizado exteriorizar suas idéias, opiniões, tecer críticas, momentos em que tenham voz para se expressar livremente.

À escola é outorgado o papel de possibilitar ao aluno perceber que, por meio da construção efetiva de conhecimento, ele poderá futuramente vir a ocupar um espaço diferenciado no contexto social.

# ==================

# REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ABERASTURY, A. A criança e seus jogos. Petrópolis: Vozes, 1972.

ABREU, K. M. Conteúdo Brincadeiras Cantadas Nas Aulas de Educação Física Escolar. Monografia apresentada ao Departamento de Estudos do Movimento Humano do Centro de Educação Física e Esporte, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para obtenção do título de especialista em Educação Física na Educação Básica. 2011.

ALBUQUERQUE, I. Metodologia da Matemática. Rio de Janeiro: Ed. Conquista 1953.

ALMEIDA, C. D. et all. Brincadeiras. 1990. Disponível em <http://www.unimeo.com.br/artigos/artigos_pdf/2008/dezembro/brincadeiras.pdf>. Acesso em 4 de outubro de 2012.

ALVES, F. G. e INEZ, A. M. A. S. Brincar E Aprender: A Função Do Jogo Nas Escolas De Educação Infantil De Ipatinga-Mg. Disponível em <http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/02/downloads/artigo_01.pdf> Acesso em 27 de setembro de 2012.

BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura. Campinas: Summus, 1984.

BETTELHEIM, B. Uma vida para seu filho. São Paulo: Artmed, 1984. 358p.

BRANCHER, V. R. Cultura Infantil: Problematizando A Ludicidade E O Ser Criança Hoje.

Disponível em <http://www.ufsm.br/gepeis/infanciavantoendipe.pdf>. Acesso em 28 de setembro de 2012.

BRITO, T. A. Música na Educação Infantil. 1998.

BROUGÈRE, G. La signification d’un environnement ludique: L’école

**==================**

**==================**

maternelle à Travers son matériel ludique. In: PREMIER CONGRES D’ACTUALITE DE LA RECHERCHE EN EDUCATION ETFORMATION, 1993, Paris. Actes Du Premier congrès d’actualité de La recherche em éducation et formation. Paris: CNAM, 2000.

CAPRA, F. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

COLOMBO, A. A. e OLIVEIRA, F. N. Brincadeiras Cantadas: As Situações De Interação Lúdica Como Espaço De Reflexão Da Prática Pedagógica. S/D. <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/PA-530-05.pdf>. Acesso em 4 de outubro de 2012

CURY, A. O Futuro Da Humanidade - A Saga De Marco Pólo. São Paulo. Editora Sextante. 2010.

CURY, A. Pais brilhantes, Professores fascinantes. Rio de Janeiro. Sextante. 2003.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. Psicologia na educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

DELL’AGLI, B.; BRENELLI, R. A afetividade no jogo de regras. In: Sisto, F.; Martinelli, S. Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2006. p.32.

DELORS, J. et al. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2006.

DEWEY, J. Experience and Education. New York. Collier Books Macmillian Publishing Company. 1930

FAUSTINI, J. W. Música e adoração: noções históricas e práticas sobre sua função no culto e adoração, orientação de técnica vocal, canto e regência coral e outros assuntos relacionados. São Paulo: Ed. Summus, 1996.

**==================**

**==================**

FERNANDES, V S. R. A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. 2009. Disponível em <http://br.noticias.yahoo.com/> 25/08/2009/tecnologia-negocios-estudo-desenvolve-inteligência-e-integração.html>. Acesso em 30 de setembro de 2012.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1975.

GAGNEBIN, J. M. Infância e pensamento. In: GHIRALDELLI, P. J.r. (org). Infância escola e modernidade. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, pp.82-100. 1997.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas. 2000.

GONÇALVES, A. R.; SIQUEIRA, G. M. e SANCHES, T. P. A Importância Da Música Na Educação Infantil Com Crianças De 5anos. Disponível em <http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC17041175855.pdf>. Acesso em 4 de outubro de 2012.

KENSKI, V.. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. Revista Brasileira de Educação, n. 8, p. 58-71, Brasília, mai/ago. 1998.

LAPIERRE, A. Psicomotricidade relacional e análise corporal da relação. Curitiba: UFPR, 2002.

LARA. L.; PIMENTEL. G; RIBEIRO, D.. Brincadeiras cantadas: educação e ludicidade na cultura do corpo. In: Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - N° 81/Fev., 2005.

LOPES, R. A. e AYRES da SILVA, J. A Importância Das Brincadeiras E Dos Jogos No Desenvolvimento Infantil De Crianças De 0 A 6 Anos De Idade. Caderno Multidisciplinaridade Pós – Graduação da UCP, Pitanga, v. 1, n. 1, p.9 2 - 105, jan. 2010.

LORIERI, M. A. Educação para o pensar. In ALONSO, E. e Ramos, P. Educando para o pensar. São Paulo. Thompson. 2002.

**==================**

**==================**

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Metodologia de trabalho cientifico. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MATURANA, H. & REZEPKA, S. N. (2000). Formação humana e capacitação. Trad. Jaime Clasen. Petrópolis. Editora Vozes.

MELO, L.; VALLE, E. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. Psicologia Argumento, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar. 2005.

MINAYO, M. C. S. et all. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, Vozes. 1994.

MONTEIRO, R. F. Jogos Dramáticos. Edições Agora: São Paulo. 1994.

PIAGET, J. Segundo TREMEA, V. S. (Org.). Jogos com materiais alternativos: material confeccionado pelos acadêmicos do curso de Educação Física, Turismo e Pedagogia. UNISC. Santa Cruz do Sul, 2000.

PIMENTEL, G. Lazer: fundamentos, estratégias e atuação profissional. Jundiaí: Fontoura, 2003.

ROLIM, A. A. M., GUERRA, S. S. F. e TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

ROUSSEAU, J. Emílio ou da Educação. São Paulo: DIFEL, 1979. p.569.

SANTANA, M. L. O Pensamento Reflexivo E A Formação Identitária Do Aluno De Inglês No Ensino Médio. Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 6. ed. Campinas: SP: Autores Associados. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 1997.

**==================**

**==================**

SILVA, C. A. C. Jogos E Brincadeiras Na Educação Infantil E O Papel Do Supervisor Escolar. Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação como exigência parcial para obtenção do título de licenciado (a) em Supervisão Escolar, 2008.

SILVA, E. L. & MENESES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: LED/UFSC, 2001.

SOUZA, C. M. M. A Afetividade Na Formação Da Autoestima Do Aluno. Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Educação da UNAMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia. Belém. 2002.

TIBA, I. Disciplina: limite na medida certa. São Paulo: Genet, 1999

TUSLER, R. L. Music: catalyst fr healing. Alkmaar, the Netherlands: Drukkeri, 1991.

VYGOTSKY, Leontiev. S. A Formação Social da Mente. Editora Martins Fontes. 1930/2000.

WINNICOTT, D. - Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: Textos Selecionados Da Pediatria à Psicanálise. Ed. Francisco Alves, 1982, p. 361. O Brincar e a Realidade, Ed. Imago. 1950.

LIBERATO, Rivalcir – Mensagens de cultura. Disponível em: <HTTP://www.rivalcir.com.br/frases/cultura.html>. Acesso em 09 de novembro de 2012.

**==================**